

MEDICINA ALTERNATIVA E SUA VISIBILIDADE ATRAVÉS DO TEMPO

Rebeca Muniz Gomes da Costa Silva ¹, Raynne Magjon Fernandes Sampaio ², Juliana Cordeiro Carvalho ³, Kênia Tâmara Martins Viana ⁴, Yolanda Schiavo Schettino de Oliveira Borges ⁵, Andréia Almeida Mendes ⁶.

¹ Graduando em medicina, Facig, rebecamunizmed@gmail.com

² Graduando em medicina, Facig, raynne.sampaio@hotmail.com

³ Graduando em medicina, Facig, julianacordeiro_capri@hotmail.com

⁴ Graduando em medicina, Facig, keniattmv@bol.com.br

⁵ Graduando em medicina, Facig, yolandaschettino@hotmail.com

⁶ Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG, Graduada em Letras pela UEMG, FACIG, andreialetras@yahoo.com.br

Resumo: No presente artigo, discorremos sobre a falta de comprovação científica da medicina alternativa que tem como principal entrave à indústria farmacêutica. Essa indústria utiliza de meios, como a figura do médico e a credibilidade que ele passa àqueles que farão uso da mercadoria para propagandear e creditar seus produtos, o que leva a um aumento significativo de seus lucros. Além disso, observa-se que a medicina alternativa passou por vários momentos no decorrer dos anos, desde as plantas medicinais, que era a forma conhecida de muitas culturas para obter cura, perpassando pelos avanços da ciência e, enfim, entrando em desuso pela concretização da medicina tradicional, fortalecida com a revolução industrial, até sua volta as prateleiras na época da contracultura e, nos dias de hoje, tendo como contribuinte a Organização Mundial de Saúde (OMS) que deu visibilidade e amparo à medicina alternativa por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), como um ato terapêutico, sendo uma medida paralela, muitas vezes recomendada pelos profissionais da saúde na atualidade.

Palavras-chave: Medicina alternativa; Indústria farmacêutica; Influência médica;

Área do Conhecimento: Ciências da saúde.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, sob o tema "Efetividade da Medicina Alternativa" tem por objetivo discorrer sobre a falta de investimento em pesquisas no ramo da medicina alternativa, tendo como foco a possível interferência da indústria farmacêutica, sendo esse um dos inibidores das descobertas sobre o assunto. Diante disso, levanta-se como problema a falta de financiamento para provar a eficiência de certos produtos utilizados na medicina não ortodoxa, atrelado ao modelo capitalista na indústria da saúde, o qual motiva o embate entre as formas de medicina, tradicional e alternativa.

A esse respeito, tem-se como metodologia a confecção de uma pesquisa de revisão bibliográfica, a partir de artigos científicos pesquisados através do Portal de Periódicos da CAPES.

Esta pesquisa justifica-se, pelo aumento do uso de "produtos naturais", bem como métodos alternativos de tratamento, sem haver, ainda, comprovação dos efeitos sejam eles maléficos ou benéficos.

Trabalha-se com a hipótese de que a medicina alternativa é um caminho optativo para promoção e prevenção da saúde, o qual é amplamente recorrido, mesmo anteriormente da prática da medicina. Contudo, sua notoriedade se relaciona a um modelo empírico de cuidado, e não científico, visto que não há, até o presente momento, pesquisas suficientemente conclusivas sobre a eficácia de tal método. Nessa análise, ressalta-se a contribuição negativa da Indústria Farmacêutica, cujo modelo capitalista de gestão prioriza o lucro ao avanço científico; desse modo, acredita-se que as "grandes corporações" são parcialmente responsáveis pela falta de evidências sobre os efeitos da medicina não convencional.

2 METODOLOGIA

No presente artigo, foi realizada uma pesquisa que apresenta uma abordagem de caráter qualitativo, em que se analisaram aspectos não quantitativos para promover uma melhor compreensão do papel da medicina alternativa na sociedade atual.

A pesquisa apresentou natureza básica uma vez que não há aplicabilidade prevista, mas objetiva ser útil para o avanço da ciência, detendo interesses e verdades universais; essa pesquisa promoveu uma maior interação entre o tema pesquisado e os autores do artigo. Dessa forma, essa familiaridade proporcionou a construção de hipóteses acerca do tema.

Quanto ao procedimento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseando-se em que “[...] existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).”, GEHARDT e SILVEIRA, 2009)

Foram utilizados para a confecção da pesquisa e consequente artigo, trabalhos acadêmicos retirados do site Portal de Periódicos da CAPES/MEC. Não tendo eles, data específica, foram utilizados trabalhos encontrados na língua portuguesa e com as palavras-chave “medicina alternativa”, “indústria farmacêutica”, “medicina integrativa”, “SUS”, “história da medicina alternativa”, entre outras.

3 ASPECTO HISTÓRICO: DOS ÍNDIOS AS PICS (PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES)

Desde antes do surgimento da escrita, já se fazia uso de plantas para o tratamento de certas patologias. No Brasil, os índios usavam o mesmo modo para levar a cura, tanto que, com chegada dos jesuítas, no século XVI, houve uma apropriação de seu tratamento sendo os rituais menosprezados e aproveitando-se somente do conhecimento sobre as plantas. Muito disso foi mandado à Europa e voltou à América como produtos comercializáveis (ROCHA *et al.*, 2015).

Durante a colonização, era escasso o número de médicos; devido a isso, a medicina empírica era utilizada em inúmeras situações. Sua importância foi tamanha que, mesmo sendo transmitida oralmente, ela, ainda hoje, tem grande relevância seja na cultura, ou em seu uso diário (ROCHA *et al.*, 2015).

Com o decorrer do tempo, vários acontecimentos importantes criaram o quadro para mudar essa situação, como: a revolução industrial, a vinda da Família Real Portuguesa e as duas Guerras Mundiais, esses eventos impulsionaram o surgimento da Indústria Farmacêutica. Assim, houve a produção em massa de medicamentos, levando a escasseio as práticas alternativas (ROCHA *et al.*, 2015).

Foi somente nas décadas de 60 e 70, com o movimento da contracultura, que ocorreu uma profunda crítica ao capitalismo; assim, os produtos naturais tiveram seu renascimento no mercado e voltaram a rotina de grande parte da população. Essa realidade foi facilitada pelo fato de que os remédios industrializados eram caros e, muitas vezes, de difícil acesso (ROCHA *et al.*, 2015).

Com as políticas nacionais do SUS, o acesso a saúde e a regularização da medicina alternativa, foi propiciado como sendo uma medida corporativa, integrando as duas medicinas, já incluindo a não convencional como práticas integrativas e complementares, através da instituída Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), de 3 de maio de 2006, Portaria MS/GM Nº. 971.

4 MÉDICO, O GAROTO PROPAGANDA DO SÉCULO XXI

Segundo Bacon (2012), os vendedores de fármacos utilizam-se da técnica de Influência Ética de modo a persuadir os médicos, que tem um grande contingente de pacientes, sobre a eficácia de seus produtos. Nessa perspectiva, médicos se tornaram agentes publicitários no que compete a distribuição de medicamentos os quais são fabricados pelas empresas que os patrocinam. Isso ocorre devido à alta credibilidade dos médicos que, segundo Foucault (1979), tem grande empoderamento, ou seja, as pessoas costumam crer e confiar no que é dito por eles.

Levando em conta que o uso de remédios trata apenas as consequências, normalmente não havendo efeito nas causas, as doenças não acabam; logo, sempre existirá demanda para as farmácias e para os médicos. É importante focar nas causas das doenças, já que, muitas delas, com um simples suplemento, com uso de minerais e vitaminas, poderiam ser curadas. Todavia, acontece o contrário, não há um estímulo à fisiologia do paciente, eles prescrevem o remédio que contém a substância pronta, ao invés de melhorar as condições para que o corpo produza o que precisa, evitando assim a dependência dos fármacos, levando a uma saúde adequada. Um exemplo disso é o hipotireoidismo que poderia ser tratado com uma suplementação de iodo, ao contrário do que os médicos têm receitado, o hormônio já pronto, isso pode ocasionar a atrofia da glândula tireoide,

gerando assim mais problemas. Por isso, a medicina alternativa deve ser dada como uma opção de tratamento pelos médicos, já que, em muitos casos, trará maior qualidade de vida para o paciente, (SILVA, 2015).

Percebe-se, portanto, que ambas as partes são beneficiadas neste contrato social, tanto o médico, que terá um paciente sempre doente, quanto as indústrias farmacêuticas, que apresentarão um lucro exponencial, gerando um aumento no número de redes de drogarias. Isso demonstra que o lucro tem sido o principal objetivo na indústria da saúde (SILVA, 2015).

Além disso, uma opção mais ideal seria o tratamento baseado na medicina integrativa, havendo uma conciliação dentre a medicina tradicional e a medicina alternativa. Com isso, o tratamento seria mais amplo, visando o ser como um todo: corpo, mente e alma; colocando em prática o conceito de saúde descrito pela OMS (Organização Mundial da Saúde), bem-estar físico, mental e social do paciente e não apenas na ausência de doença.

5 MEDICINA ALTERNATIVA NO CONTEXTO INTERNACIONAL

Nas últimas décadas, a medicina alternativa ganhou maior abrangência no contexto terapêutico; assim, a OMS tem incentivado pesquisas relacionadas ao assunto, bem como a introdução desse tipo de tratamento na Atenção Primária à Saúde (APS) (NAGAI e QUEIROZ, 2008).

Nesse contexto, com as políticas nacionais do SUS, o acesso a saúde e a regulamentação da medicina alternativa aconteceu como sendo uma medida corporativa, integrando as duas medicinas, já incluindo a não convencional como práticas integrativas e complementares através da instituída política nacional de práticas integrativas e complementares (PNPIC), de 3 de maio de 2006, portaria MS/GM N°.971. Isso significa uma implementação de uma postura mais abrangente de saúde, doença e terapia, que extrapola o procedimento médico centrado no aspecto meramente físico e mecanicista do corpo humano, uma vez que a medicina alternativa foca em uma postura ampla de saúde que considera os aspectos sociais, culturais e emocionais do ser humano, sendo, portanto, multidisciplinar (NAGAI e QUEIROZ, 2008).

Na medicina ortodoxa, a doença é vista como um resultado de agentes infecciosos e que precisam ser radicalmente combatidos; contrariamente, a medicina não-tradicional inclui dimensões socioculturais e emocionais que envolvem o paciente diretamente no processo saúde e doença. Ou seja, unificá-las seria uma forma eficaz em busca do equilíbrio e promotora de cura, com um novo olhar, revestido de novos conhecimentos sobre os meios institucionalizados da saúde e sobre como lidar com ela (NAGAI e QUEIROZ, 2008).

Os profissionais que adotam as medicinas alternativas não se colocam em oposição diante da medicina científica tradicional, mas procuram complementá-la e, ao mesmo tempo, suplantá-la, visto que a grande parte que procura por serviços médicos tem como razão problemas e distúrbios que não podem ser descobertos pelo foco da medicina tradicional ou buscando tratamentos menos agressivos. Desse modo, as medicinas complementares e alternativas visam preencher esse enorme vazio (NAGAI e QUEIROZ, 2008).

4 CONCLUSÃO

A medicina alternativa foi utilizada antes mesmo antes do surgimento da escrita. No decorrer do tempo, foi perdendo espaço devido a padronização da medicina, embasada na comprovação científica e, conseqüentemente, a medicina tradicional foi se tornando hegemônica. Nessa análise, a indústria farmacêutica incorporou o modelo tradicionalista da medicina e o tornou altamente lucrativo, bem como introduziu o médico como garoto propaganda de fármacos durante o fortalecimento dessa indústria.

Mesmo com a existência de pouca teoria sobre o assunto, é viável tachar a indústria farmacêutica como inibidora de pesquisas relacionadas a comprovação científica de métodos alternativos de tratamento; já que, visualizando o contexto capitalista na indústria da saúde, a medicina alternativa não dá o devido lucro aos seus envolvidos.

5 REFERÊNCIAS

CONTATORE, Octávio Augusto. et al. Uso, cuidado e política das práticas integrativas e complementares na Atenção Primária à Saúde. **Revista ciências e saúde coletiva**, v 20, n 10, pp.3263-3273 2015. Disponível em:<<http://www.scielo.org/pdf/csc/v20n10/1413-8123-csc-20-10-3263.pdf>> Acesso em: 19.ago.2017.

FILHO, José Sales Pereira. et al. 2012. Uso de própolis associada a outros componentes no tratamento de feridas oncológicas após excisão. **Revista Acta Biomedica Brasiliensia**, v 3, n 2, 2012. Disponível em:<<http://www.actabiomedica.com.br/index.php/acta/article/view/42/20>> Acesso em: 19.ago.2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2014.

RAPOSO, Hélder. O risco e os consumos de performance na população jovem: entre as concepções e as práticas. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v 34, p 186-195, 2016. Disponível em:<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0870902516300098>> Acesso em: 19.ago.2017.

ROCHA, F. A. G. et al. O Uso Terapêutico da Flora na História Mundial. **Revista Holos**, v 1, 2015. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/pdf/4815/481547176007.pdf>>Acesso em: 19.ago.2016.

ROCHA, Sabrina Pereira. et al. 2014. A trajetória da introdução e regulamentação da acupuntura no Brasil: memórias de desafios e lutas. **Revista ciências e saúde coletiva**, v 20, n 1, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:<<http://www.scielo.org/pdf/csc/v20n1/1413-8123-csc-20-01-00155.pdf>> Acesso em: 19.ago.2017.